

## Conversa com Alida Valli, 9 mar. 1962

*O Estado de S. Paulo*, 9 mar. 1962

RIO – (*Estado*) – Constance, recém-chegada a uma aldeia na orla da selva amazônica, deixa por alguns momentos o *set* e vem falar ao suplemento feminino. No dia anterior, às três da tarde, ela morria num ponto qualquer do Parque Laje, na lagoa, esmagada, debaixo de um tronco. A selva, no caso, fica em Calaboca, a cinquenta quilômetros de Niterói. Constance, personagem de *Homenagem à hora da sesta*, filme do diretor argentino Leopoldo Torre-Nilson, é Alida Valli.

\*

Ela se desculpa por não poder conceder uma entrevista mais prolongada. Não esconde o fato de não gostar de ser entrevistada, após “22 anos de cinema”. Mas não se recusará. Na plataforma da estação de um ramal extinto da Leopoldina, num intervalo da filmagem, toma de uma cadeira, coloca-se à sombra e responde às perguntas. Sua voz de contralto é pausada mas firme. Usa períodos curtos. O sorriso lhe é fácil mas contido.

Nasceu em Pola, na fronteira ítalo-iugoslava. O brilho dos olhos castanho-esverdeados desmente os seus 41 anos.

Alida conheceu a fama em 1940, quando foi premiada em Veneza pelo seu papel em *Pequeno mundo antigo*, baseado no romance de Fogazzaro. De então para cá só conheceu êxitos, uns maiores, outros menores. Entre fitas, fez *Mille Lire al Mese (Vida apertada)*, *Ballo al Castello*, *La Vita ricomincia*, *O terceiro homem*, *Diálogo das carmelitas*, e, principalmente *Senso*, de Luchino Visconti.

Geralmente sumaria quando fala dos homens que a dirigiram e ao lado dos quais trabalhou, Alida Valli somente demonstra seu entusiasmo quando fala de Visconti.

Procurando com dificuldade palavras que traduzam exatamente suas impressões, ela diz em frases entrecortadas:

“É um diretor extraordinário para os atores... Traz consigo toda a sua experiência teatral, seu sentido de espetáculo... Cria toda uma atmosfera em torno do ator, que passa a ter a sensação de sua importância na criação cinematográfica.”

E sobre a sua atuação naquele filme: “Interpretei o meu personagem com o mesmo empenho com que atuo em todas as películas das quais participo, ainda que o resultado tenha sido melhor”.

Formada pela Academia de Arte Dramática de Roma, a atriz italiana considera seu trabalho estritamente do ponto de vista profissional. “Tenho um contínuo desejo de aperfeiçoamento, jamais olhando para trás. O cinema é, sem dúvida, o produto da conjugação de diversas forças, diversamente do teatro onde o ator, quando o pano se levanta, está só.

“Procuro sempre entender as intenções do diretor, e atuar da maneira que atinja seus objetivos, diz ela. E acrescenta: Reconheço que pode haver casos, e os há, em que um diretor acaba sendo dominado por determinado ator ou atriz. Estes diretores, a meu ver, não têm personalidade muito forte.”

A respeito de Orson Welles ao lado de quem atuou em *O terceiro homem*, diz Alida que o discutido ator-diretor participou apenas três dias dos trabalhos de filmagem da película de Carol Reed, na qual interpretou somente três cenas. “É uma pessoa interessantíssima e cheia de gênio: *Una intelligenza un puó genialoide che fa il pazzo ma per niente*”.

Falando correntemente o inglês, o francês e naturalmente o italiano, Alida Valli (que já atuou nos EUA: *Agonia de amor* de Hitchcock, com Gregory Peck, *O milagre dos sinos*, com Sinatra e Freddy Mac Murray, *The White Tower*, ao lado de Glenn Ford, e na França *Diálogo das carmelitas*, *Le Gigolo*, *Une Si Longue Absence*, *Ofelia*), diz que não tem preferência por país algum pois as dificuldades são rapidamente superadas. Desde que goste do papel que interpreta aceita qualquer convite para filmar.

Após seu regresso ela pretende examinar o argumento de uma película a ser rodada em Israel.

\*

Sobre os jovens diretores franceses em cujos filmes atuou (Chabrol, Vadim, Colpi), Alida diz que desconhece a real existência da decantada *nouvelle vague*. “O que há é uma permanente renovação no cinema, que dela necessita como qualquer outra forma de criação artística. Há alienação nos temas mas precisamos reconhecer que existe uma alienação nas realidades, também na maneira de viver. Talvez isso seja uma forma de lamento” – diz Alida Valli, acrescentando que gostaria muito de trabalhar com Alain Resnais, o realizador de *Hiroshima mon amour* e *La Dernière année à Marienbad*, recentemente premiado em Veneza.

\*

Nos planos da atriz figura a intenção de fundar brevemente uma companhia teatral que seria dirigida pelo encenador Jean Carlo Zagni. “Depende apenas da escolha dos atores e do repertório” – ressalta Alida, não escondendo sua preocupação diante da crise em que atualmente se debate o teatro italiano, em consequência principalmente do desinteresse do público e da falta de novos dramaturgos de valor.

\*

Alida tem dois filhos, um de dezessete e outro de treze anos, nenhum dos quais – diz ela – pretende seguir sua carreira. Seu maior prazer é assistir aos jogos futebolísticos em companhia deles. Os três torcem para clubes diferentes e ela é exímia conhecedora dos nomes mais famosos neste esporte no Brasil. Já foi ao Maracanã e dançou até alta madrugada com a Escola de Portela em Madureira “pegando” logo o nosso ritmo.

Quer começar a falar de seu papel no filme quando se ouve a voz de Torre-Nilson: “Em cena, Alida!”

Ela se levanta, arruma o vestido *demodé* marrom escuro de Constance, recoloca o chapéu de palha da Itália e despede-se.

Uma senhora magra de meia idade, 1,60 m de altura, desce a plataforma e abre caminho por entre uma multidão de caboclos. Ouve-se o zumbido das câmaras. Ela vai ao encontro do corpo de seu marido, um missionário evangelista trucidado na mata.

HERZOG, Vladimir. “Conversa com Alida Valli”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 1962, p. 8, c. 1.